

As Cidades e a História da Educação: possibilidades de pesquisa a partir das Instituições Escolares

The Cities and the History of Education: research possibilities from School Institutions

Eduardo Cristiano Hass da Silva

Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Carolina Severo

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Lucas Costa Grimaldi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS

Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil

Resumo

A temática da cidade tem sido explorada por diversos campos científicos, o que demonstra seu caráter de interdisciplinaridade. Neste estudo, tomamos o espaço da cidade e a História da Educação como elementos que se relacionam e, com isso, analisamos a relação entre a cidade e a História das Instituições Educativas. O artigo fundamenta-se em diferentes autores. Para a temática da cidade, recorreremos aos estudos de Pesavento (2004, 2007), Bressan (2013), entre outros. Em relação à História das Instituições Educativas, destacamos Viñao Frago (2006), Benito Escolano (2001), Lucas Costa Grimaldi (2014, 2016), Nosella e Buffa (2009), etc. A partir do considerável aumento nas produções referentes à urbanização/escolarização e arquitetura escolar, apostamos na possibilidade de pesquisas que relacionam a cidade e as Instituições Educativas.

Palavras-chave: Cidades, História da Educação, História das Instituições Educativas.

Abstract

Several scientific fields have been producing studies that have the city as their theme, which demonstrates the interdisciplinary character of this thematic. In this study, we take the space of the city and the History of Education as elements that relate and with this, we analyze the relations between the city and the History of Educational Institutions. The article is based on different authors. For the city theme, we resorted to studies by Pesavento (2004, 2007) and Bressan (2013), among others. Regarding the History of Educational Institutions, we highlight Viñao Frago (2006), Benito Escolano (2001), Lucas Costa Grimaldi (2014, 2016), Nosella and Buffa (2009) and so on. Based on the considerable increase in production related to urbanization / schooling and school architecture, we bet on the possibility of researches that relate to the city and to the Educational Institutions.

Keywords: Cities, History of Education, History of Educational Institutions.

1. Introdução

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber.

(CALVINO, 1995, p .12)

O excerto de Italo Calvino (1972) nos faz refletir sobre a imensidão de símbolos que confunde o olhar não disciplinado do passante pela cidade. Escola e cidade compartilham entre si ser um pouco de Tamara. Ambas possuem diversos significados e símbolos que traduzem a complexidade e a trama de relações entre as duas. Além disso, são fruto de acumulação de memórias e histórias dos sujeitos que por ela passaram. Nas últimas décadas, houve uma mudança tanto nos estudos urbanos quanto nos estudos sobre as Instituições Escolares. A emergência da História Cultural possibilitou a compreensão desses dois objetos através de sua cultura, seja ela urbana ou escolar. Sobre a história urbana, Sandra Pesavento (2007) afirma que como historiadores: “temos a tendência de buscar as cidades do passado que cada urbe abriga, em palimpsesto¹, e que devem ter deixado traços para serem recuperados mediante um trabalho de pesquisa”.

O conceito de palimpsesto, nesse estudo, problematiza a questão de que a cidade é escrita e reescrita diversas vezes, e que a cada reescrita preserva um pouco da cidade antiga, sendo fonte para a análise do historiador. Essa relação também pode ser estabelecida com a escola e com a educação em sentido lato, cada instituição abriga diversas escolas do passado que a partir dos indícios e fragmentos salvaguardados em museus, em seus arquivos e na memória de seus alunos, tornam-se material de trabalho para o historiador da educação.

Para tanto, neste estudo, tomamos o espaço da cidade e a História da Educação como elementos que se relacionam e, com isso, analisamos a relação entre a temática da cidade e o campo teórico histórico-educativo, pensando, principalmente, as possibilidades de pesquisa a partir das instituições escolares. Optou-se por estruturar o presente texto em três momentos. No primeiro, intitulado “As Cidades e a Interdisciplinaridade das pesquisas com e sobre o urbano”, apresentamos a cidade como objeto de pesquisa para diferentes disciplinas, como a História, a Arqueologia e o Turismo, mostrando possibilidades de

articulação entre ambas. Além disso, tendo como inspiração os estudos de Pesavento (2004; 2007), discutimos as possibilidades de leitura das cidades a partir do conceito de palimpsesto, apresentando as principais fontes a serem utilizadas para a compreensão do urbano.

No segundo tópico, intitulado “Instituições Escolares e as Cidades: possibilidades de pesquisas em História da Educação”, propomos algumas aproximações entre as pesquisas sobre Cidade e História da Educação, tomando o conceito de Cultura Escolar (VIÑAO FRAGO, 2006) e o campo da História das Instituições Escolares (NOSELLA, BUFFA, 2009). Apresentamos ainda algumas aproximações com pesquisas sobre o edifício escolar, sobretudo a partir de Lucas Grimaldi (2014, 2016). Para finalizar, no terceiro tópico, “Caminhos e percursos a seres trilhados”, destacamos algumas possibilidades de pesquisa, apontando as potencialidades da articulação entre o urbano e a História das Instituições Educativas.

2. As Cidades e a Interdisciplinaridade das pesquisas com e sobre o Urbano

De acordo com Sandra Pesavento (2007), as origens das cidades podem ser encontradas juntamente com as origens da roda e da escrita. Segundo a autora, a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova forma de sensibilidade, marcada pelo *ethos* urbano e pelo sentimento de pertencimento. Esta sensibilidade e este sentimento de pertencimento, implicam em diferentes formas de representação das cidades, “às cidades reais, concretas, visuais, tácteis, consumidas e usadas no dia-a-dia, corresponderam outras tantas cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem, obra esta que ele não cessa de reconstruir” (PESAVENTO, 2007, p.11).

Como podemos observar, a cidade não é apenas materialidade. Desta forma, os estudos do urbano não atentam apenas para o material e para o físico. A cidade é também sociabilidade, sensibilidade e imaginação. A cidade é uma obra coletiva impensável no individual, sendo parte do tecido das tramas sociais.

Interessa-nos pensar quando iniciam os estudos sobre as cidades. Quais as disciplinas que sobre ela se debruçam? Pesavento (2007) destaca que são antigas as chamadas ‘histórias de cidades’ que, muitas vezes, feitas por encomendas, são informativas, sem oferecer maiores reflexões. Segundo a autora, no Brasil, observam-se estudos de boa qualidade nos anos 1960, 1970 e 1980, estudos feitos em uma linha econômico-social, com

As Cidades e a História da Educação: possibilidades de pesquisa a partir das Instituições Escolares
inspiração no materialismo histórico. Nestes casos, a cidade não foi o objeto de análise, mas o local onde as coisas aconteceram, o local onde se realizou o processo de produção do capital.

Pesavento (2007) afirma que essa realidade começa a mudar ao longo da década de 1990, sobretudo com a emergência da História Cultural que proporcionou uma nova abordagem ao fenômeno do urbano, passando a cidade a ser o objeto de estudo.

Essa passagem das cidades de “local onde as coisas acontecem” para objeto de estudos permite, segundo Pesavento (2007), que as cidades sejam entendidas como um campo interdisciplinar, sendo espaço de estudo para historiadores, geógrafos, sociólogos, economistas, turismólogos, ambientalistas, arqueólogos e outros. A cidade, então, passou a ser compreendida por outros fatores: “dados demográficos, as intenções políticas, organizações sociais e manifestações culturais passam a ser também problematizados, na medida em que asseguram a dinamicidade da vida cidadina” (BRESSAN, 2013, p. 42).

Segundo Galiniè e Royo (1998), as cidades foram, por muito tempo, objeto da história, e não da arqueologia. Tomando os arqueólogos medievalistas como exemplo, os autores destacam que eles estavam preocupados com castelos, igrejas e necrópoles, mas não necessariamente com a cidade. No entanto, a relação entre arqueólogos e as cidades também mudou. Para os autores, diferentes elementos explicariam essas mudanças: as novas técnicas da arqueologia, que ao se aperfeiçoarem, permitiam a compreensão de novas estruturas materiais; as modificações e as reformas urbanas que, ao proporem construções subterrâneas, trouxeram à tona camadas de cidades passadas, até então desconhecidas, entre outras.

Neste sentido, Rafael de Abreu e Souza (2014) destaca que, ao longo dos anos 1970, passa a ganhar espaço nas Américas uma área conhecida como arqueologia urbana. Essa modalidade da arqueologia emerge a partir do diálogo entre arqueólogos, historiadores, antropólogos, arquitetos e sociólogos que tomam a cidade como objeto de pesquisa. A partir da arqueologia urbana, os arqueólogos passaram a entrar em contato com as cidades e seus habitantes, fazendo com que ela deixe de ser o local de vários sítios arqueológicos e torne-se por si só arqueológica.

Assim como a História e a Arqueologia, outra área que tomou as cidades como objeto de estudo e se abriu para o diálogo interdisciplinar foi o Turismo, sobretudo em sua relação com o Patrimônio Cultural. Leandro Benedini Brusadini (2012) destaca que, apesar

de ainda se ter um número relativamente escasso de trabalhos nesta área, eles já começam a ser desenvolvidos, com grandes potenciais futuros. Compreendendo a cultura a partir dos seus aspectos materiais e imateriais, Brusadini (2012) evidencia que o valor cultural não está necessariamente nas coisas, podendo ser produzido também através das relações sociais. Dessa forma, o patrimônio pode ser compreendido, assim como a cultura, tanto em sua materialidade quanto em sua imaterialidade. A partir dos conceitos apresentados pelo autor, a cidade pode ser compreendida como parte do patrimônio cultural. Apesar da sua materialidade, a cidade também possui elementos imateriais, que correspondem à sociabilidade, sensibilidade e imaginação anteriormente destacados. Há que se destacar, também, os saberes/fazerem atrelados à geografia da cidade.

Até aqui procuramos demonstrar que as cidades se constituem em um campo de pesquisa interdisciplinar, tomando exemplos da História, da Arqueologia e do Turismo. Além disso, evidenciamos também que a cidade pode ser estudada tanto pela sua materialidade quanto pelas sociabilidades, sensibilidades, memórias e imaginação a ela relacionadas. Mas como analisar a cidade? Quais os instrumentos metodológicos e fontes para pesquisa?

Sandra Pesavento (2004) entende que a cidade pode ser decifrada, desfolhada e interpretada. Para realizar esta operação metodológica, a autora utiliza-se do conceito de palimpsesto, tomando-o como metáfora de uma abordagem do passado da cidade. A metáfora do palimpsesto justifica-se pelo fato de, que ao se tratar da cidade, as dimensões de tempo e espaço se sobrepõem, apresentando-se como um verdadeiro enigma a ser decifrado pelo historiador. Operando com a metáfora do palimpsesto, podemos entender a cidade como uma sobreposição de camadas de experiências de vida.

Rafael de Abreu e Souza (2014, p. 35) entende que “a cidade é uma soma de temporalidades e sentidos”, sendo que um mesmo tempo e um mesmo espaço podem conter diferentes sentidos para aqueles que os vivenciam.

Em relação às fontes para a pesquisa sobre as cidades, Sandra Pesavento (2007) nos oferece algumas possibilidades. Para a autora, as cidades podem ser decifradas por fontes escritas, visuais, orais, audiovisuais e materiais. Em relação às fontes escritas destacam-se as histórias ou crônicas da urbe, as obras literárias, as crônicas, diários e relatos de viagem². Sobre as crônicas, Pesavento (2007, p. 18) destaca que “as tramas são imaginadas, os

personagens são fictícios, mas o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente”.

Além das fontes escritas tratadas anteriormente, podemos encontrar indícios sobre a cidade de outrora nos arquivos judiciais. Sobre isso, a historiadora Arlete Farge, que tem como foco a pesquisa nos arquivos judiciários franceses, afirma que “o arquivo oferece rostos e sofrimentos, emoções e poderes criados para controlá-los; seu conhecimento é indispensável para tentar descrever depois a arquitetura das sociedades do passado” (2009, p. 94).

Sobre as fontes visuais, Pesavento (2007) afirma que elas permitem construir uma representação visual das cidades, sendo elas factíveis ou não. Dentre as principais fontes visuais estão as fotografias das cidades. Zita Possamai (2008) aposta na potencialidade das imagens para a compreensão do urbano, sendo que, segundo ela: “como representações do real, as imagens visuais constroem hierarquias, visões de mundo, crenças e utopias e, neste sentido, podem constituir-se em fontes preciosas para a compreensão do passado” (POSSAMAI, 2008, p. 254).

Já a respeito das pinturas e ilustrações como documentos, Vangelista (2015) analisa as representações do Rio de Janeiro em duas publicações europeias do início do século XIX: a de Henry Chamberlain, publicada em Londres em 1822, e a de Jean-Baptiste Debret, publicada em Paris entre 1835 e 1839. Ambas as obras chegaram ao Brasil somente nos anos de 1940. A autora aponta que os artistas buscavam escrever, ilustrar e informar sobre a cidade. Atenta para o detalhe que ambos inseriram comentários junto às imagens, que continham informações sobre os espaços, os indivíduos, os prédios, e as atividades de trabalho e lazer representados.

Em relação às fontes orais, Pesavento (2007) atenta em especial para as memórias³ e para as músicas e sons da cidade. Ao tensionar a relação entre História e Memória, Pesavento (2004) destaca que a primeira aspira a veracidade, a segunda não. Desta forma, a memória pode ser tomada como fonte histórica, uma vez que o historiador pode ser visto “como detentor da fala autorizada sobre o passado”, passando a “tutelar a Memória, assumindo este encargo como um dever que toca por ofício” (PESAVENTO, 2004, p.26).

Mas como acessar às memórias sobre as cidades? Uma das ferramentas metodológicas empregadas pode ser a entrevista de História Oral, que através de uma sistematização, organização e classificação das memórias produzidas, permite que o

historiador as faça se tornarem História, tensionando as relações entre lembranças e esquecimentos que formam a memória.

Além das memórias, também podem ser tomadas como fontes orais as músicas e os sons da cidade. Sobre as músicas, podemos entendê-las tanto como as músicas que acontecem nas cidades como aquelas que, em sua letra, abordam a cidade, sua história, seu cotidiano, seus sujeitos ou seus lugares. Para Pesavento (2007, p. 20), as cidades podem ser cantadas, se inserindo na memória e ocupando um lugar no tempo, sendo que “as cidades escritas e as cidades faladas são, todas elas, cidades imaginárias, que um historiador da cultura busca recuperar”.

Em relação às fontes audiovisuais, Pesavento (2007) destaca tanto a importância do cinema quanto da ficção audiovisual. Nestes grupos, podemos identificar filmes, documentários, gravações independentes, entre outros. O último, mas não menos importante grupo de fontes para a pesquisa da cidade são as fontes materiais, pois apesar dos já destacados elementos de sensibilidade, sociabilidade e imaginação, as cidades também são “pedra, aço, ferro, vidro, barro, equipamento, traçado” (PESAVENTO, 2007, p. 22). É, sobretudo, neste sentido material da cidade que Pesavento (2004, p. 27) a entende como um palimpsesto de formas: “a cidade é, sobretudo, exibição da marca do homem num universo mutável, e as sociabilidades antigas seguem lugar às novas”.

Dito isso, Ramos (2015) demonstra a possibilidade de utilizar o cinema como fonte para analisar as transformações em torno das representações cinematográficas do país. O autor coloca como a maioria dos primeiros filmes nacionais – realizados entre o período de 1910 e 1930 –, fizeram uso do campo para abordar um tema “propriamente” brasileiro. Contudo, no momento em que a cidade era apresentada, havia o intuito de “exaltar a sua organização e beleza como índice de civilidade” (RAMOS, 2015, p.124). E mesmo com o desenvolvimento do *Cinema Novo*, o meio rural se manteve como a escolha da maioria dos diretores para representar o Brasil.

Como se destacou anteriormente, a materialidade da cidade tem sido preocupação, sobretudo, da Arqueologia. Não que os arqueólogos não se utilizem das outras tipologias de fontes aqui apresentadas, mas como destaca Hilbert (2017, p. 8), “o arqueólogo é especialista na criação e preservação de memórias dos lugares e das coisas. Ele usa as coisas para marcar esses lugares e os denomina de sítios arqueológicos”.

Dessa forma, a arqueologia da cidade, do urbano, está voltada para o estudo de elementos mais próximos no tempo, passando a arqueologia também a se preocupar com a temporalidade pós-século XVI, chegando a estudar sociedades até dos dias atuais. Analisando tanto os artefatos materiais quanto seus significados, os arqueólogos têm contribuindo para uma história do contemporâneo, sobretudo no tocante às cidades.

Em relação à materialidade da cidade, destaca-se que, assim como as outras fontes possíveis, ela também se encontra ameaçada. Pesavento (2007) já afirmava que a modernidade avassaladora pode apagar do espaço tanto a materialidade quanto as sociabilidades. Essa afirmação da autora nos ajuda a compreender que, sensibilidades e materialidade não são elementos separados, mas se encontram articuladas, sendo sua separação apenas um procedimento metodológico de análise. Dessa forma, entendemos com a autora que “o que chamamos de paisagem urbana é sempre uma paisagem social, fruto da ação da cultura sobre a natureza, obra do homem a transformar o meio ambiente” (PESAVENTO, 2004, p. 27).

Assim como as relações sociais, a materialidade das cidades também está em profundas modificações. Hilbert (2017, p. 9) destaca que as transformações na cidade estão “marcadas pelo surgimento ou desaparecimento de prédios, edifícios, casas, terrenos baldios, parques, pelo traçado de estradas, pontes”, que são, apenas as mais visíveis. Para Pesavento (2007), são nas cidades do presente que as cidades passadas são pensadas e construídas, fazendo com que as narrativas sobre as cidades sejam marcadas pela superposição de tramas e enredos.

Em relação à questão exposta acima, cabe abordar o conceito de lugares de memória, elaborado por Nora (1998). Segundo o historiador francês, tais lugares são fundados em função da ausência da memória espontânea, podendo ser topográficos (arquivos, bibliotecas e museus), monumentais (cemitérios, prédios, casas e esculturas), simbólicos (comemorações, peregrinações, aniversários e emblemas) e funcionais (manuais, autobiografias e associações). Os lugares de memória estão diretamente associados aos interesses e objetivos dos grupos sociais responsáveis pela sua constituição. A respeito disso, Tardivo e Pratschke (2016) colocam que as cidades, sua arquitetura e os seus lugares constituem paisagens simbólicas e que o significado de determinado espaço é produzido a partir da experiência dos indivíduos que o frequentam.

Após esta breve apresentação das possibilidades de pesquisas com e sobre as cidades, realizadas a partir de diferentes disciplinas ou em uma perspectiva interdisciplinar, passamos ao segundo momento deste trabalho, no qual a cidade será articulada à História da Educação.

3. Instituições Escolares e as Cidades: possibilidades de pesquisas em História da Educação

Conforme salientamos no início deste trabalho, seu objetivo principal consiste em mostrar as possibilidades de articulação entre as pesquisas com e sobre as cidades e as fundamentadas no campo da História da Educação, sobretudo a partir da análise das Instituições Escolares e da arquitetura dessas instituições. No primeiro tópico, apresentamos as diferentes possibilidades de pesquisa que tomam as cidades como objeto. Seria possível pensar a articulação das pesquisas sobre as cidades e a educação?

Destacamos duas possibilidades de articular as cidades e a educação, ambas em uma perspectiva historiográfica: o Ensino de História⁴ e a História da Educação. É sobre a segunda possibilidade que centramos esta discussão. Pensamos que uma das principais possibilidades para articular História da Educação e cidade seja a partir do conceito de cultura escolar.

De acordo com Antonio Viñao Frago (2006), embora as origens das culturas escolares encontram-se atreladas à emergência da escola enquanto instituição, o conceito “cultura escolar” passa a ser utilizado a partir dos anos 1990, sobretudo no âmbito da História Cultural e do Currículo. Tomando o conceito em uma perspectiva histórica, o autor propõe uma definição geral:

[...] conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales, inercias, hábitos y prácticas (formas de hacer y pensar, mentalidades y comportamientos) sedimentadas a ló largo del tiempo en forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puestas en entredicho, y compartidas por sus actores, en el seno de las instituciones educativas. Tradiciones, regularidades y reglas de juego que se transmiten de generación en generación y que proporcionan estrategias [...] (VIÑAO FRAGO, 2006, p. 73).

Como podemos observar, o conceito apresentado pelo autor entende a cultura escolar a partir de elementos marcados pela continuidade, estabilidade, sedimentação e autonomia relativa em relação ao universo escolar. O conceito abrange teorias, ideias, princípios, normas, tradições, regras, entre outros, que são compartilhados pelos atores da escola. Considerando este conceito, Viñao Frago (2006) ressalta que existem alguns

aspectos ou elementos da cultura escolar que são mais visíveis, sendo eles os atores (pais, alunos, professores, gestores), os discursos e linguagens, os aspectos organizativos e a cultura material da escola.

De forma geral, a relação entre as Cidades e História da Educação pode se dar, sobretudo, a partir dos elementos materiais da cultura escolar. Para Viñao Frago (2006), a cultura material da escola engloba seu entorno físico-material e seus objetos (espaços edificadas e não edificadas, o mobiliário, o material didático escolar, etc.). Dessa forma, o edifício da escola salientado pelo autor pode ser pensado em relação a cidade. Para Benito Escolano (2001) “a localização da escola é por si mesma uma variável decisiva do programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço e pela arquitetura escolares” (2001, p.32).

Alguns estudos como os de Eliane Peres (2016) têm salientado que, o edifício escolar é parte da cultura escolar, produzindo e resultando de discursos específicos. Embora saliente a importância do prédio escolar, o mesmo não é tomado em relação à cidade. Em uma perspectiva diferenciada, o pesquisador Lucas Grimaldi (2016) tem, em seus últimos trabalhos, tomado o conceito do palimpsesto para pensar a arquitetura escolar e as relações entre o edifício escolar e a cidade. O edifício escolar, tomado em relação à cidade, também pode ser desfolhado: Quais as relações entre as edificações escolares e o processo de urbanização das cidades? Como o edifício escolar atua nas sensibilidades produzidas em entrevistas de História Oral com alunos e professores? Estes são apenas alguns dos temas que têm permeado as produções deste autor. Questionamentos que foram elaboradas a partir da produção e análise de entrevistas com a metodologia de História Oral, na qual os entrevistados narravam suas memórias sobre os espaços vividos, seja a cidade ou a escola.

Destacamos outras produções, no âmbito da História da Educação: Em 1997, o impresso *Educação em Revista* publicou um dossiê intitulado “Cidade e Educação: BH ano 100. Destacamos os estudos de Faria Filho (1997), intitulado “A escola no movimento da cidade: os grupos escolares em Belo Horizonte” e de Veiga (1997), “Projetos Urbanos e Projetos Escolares: aproximação na produção das representações de educação”. Ambos os autores tecem relações sobre instituições escolares e a cidade de Belo Horizonte. Para Faria Filho (1997, p. 89), o objetivo da pesquisa era “identificar e analisar os laços estabelecidos pela instituição escolar com uma cultura urbana que a envolvia e, ao mesmo tempo, era produzida no contexto escolar”. Tratando-se de uma cidade que havia sido planejada, o autor nos mostra o *status* da escola republicana naquele período. As edificações eram

erigidas em locais de grande visibilidade, com prédios consonantes às normas sanitárias e pedagógicas do momento. Há que se pensar, em perspectiva ampla, “importância da arquitetura e do espaço por ela determinado como portadores e transmissores de linguagens e sentidos múltiplos acerca do universo urbano” (BENCOSTTA, 2016, p. 231). Nesse sentido, importa analisar a arquitetura escolar e seu entorno, tanto o bairro quanto à cidade ao seu redor. Bencostta (2016), complementa ao referir sobre a importância desses estudos para o historiador, pois demonstra “que a gramática espacial insere-se no tempo, assim como o edifício se insere em um espaço. Tempo e espaço dialogam com as transformações do tecido urbano e, mais proximamente, com as políticas e interesses que determinam sua construção” (BENCOSTTA, 2016, p. 250).

A proposta de articulação aqui apresentada é reforçada também pelas pesquisas sobre História das Instituições Escolares. Ao analisarem este campo, Paolo Nosella e Ester Buffa (2009) destacam que, dentre a variedade possível de temas, tem-se privilegiado a escola e sua materialidade. Como elementos da materialidade escolar os autores entendem o edifício escolar, a organização do espaço, os livros didáticos, os instrumentos de ensino, as exposições, dentre outros. Ao falarem sobre as fontes para a pesquisa das instituições educativas, afirmam que “conforme o referencial teórico adotado, o pesquisador privilegia fontes diferentes e também as interpreta valendo-se de diferentes enfoques e interesses práticos” (NOSELLA, BUFFA, 2009, p. 57). Dessa forma, podemos afirmar que, dependendo do referencial empregado e do problema de pesquisa estabelecido, o edifício escolar, as relações dos sujeitos da escola com este edifício, bem como os arredores da escola podem ser tomados como objeto de estudo da pesquisa articulando História da Educação e Cidades.

O edifício escolar pode ser tomado como elo entre a História da Educação e a relação com as cidades, mas não apenas em sua materialidade. Ao analisar narrativas sobre a trajetória escolar produzidas por alunos no curso de Didática, Mercedes Suárez Pazos (2002) atenta para a presença constante de memórias relacionadas ao espaço escolar. Segundo Suárez Pazos (2002, p.122), as narrativas dos alunos permitem “obtener información sobre donde estaba situada la escuela, como era el edificio, cuáles eran sus instalaciones, las características físicas del aula, el tipo de mobiliário y sudistribución en el espacio, la decoración del aula [...]”. Como podemos observar, o edifício escolar é constantemente

As Cidades e a História da Educação: possibilidades de pesquisa a partir das Instituições Escolares presente nas memórias de alunos e alunas, revelando elementos sobre sua localização, organização, decoração, entre outros.

Além do edifício, Suárez Pazos (2002) atenta para outro elemento particularmente interessante para pensarmos a relação da escola com a cidade: “el trayecto a la escuela”. A autora destaca que as narrativas por ela analisadas trazem também o momento destinado a ir e vir para a escola, de como este caminho era percorrido, os lugares por onde passavam, as travessuras que aprontavam. O trajeto escolar reforça a possibilidade de compreensão da cidade a partir do edifício escolar, atentando para os seus arredores e para os caminhos percorridos pelos alunos e alunas.

Há que se atentar também ao chamado vínculo da urbanização e da escolarização. Partindo do processo de construção da cidade de Belo Horizonte (1894-1897), Veiga (1997) identifica as aproximações conceituais e práticas presentes nos projetos urbanos e escolares, analisando as representações da educação que estavam presentes nas práticas urbanas e que tinham como objetivo a produção do cidadão moderno. A autora associa os pressupostos dos projetos urbanos e das reformas escolares, no sentido de que ambos buscavam reinventar os sujeitos sociais, apontando, também, para como a função social da cidade se reconstituiu, estando voltada, então, para a educação dos novos valores da modernidade – tempo, precisão, memória, razão. E assim, a pedagogia moderna foi utilizada como um instrumento para organizar os processos de socialização das novas formas de produção material e cultural.

Em relação ao papel social das escolas no espaço urbano, a autora enfatiza nos interesses da elite a respeito de uma educação baseada no individualismo e na meritocracia. Dessa maneira, as escolas, compreendidas como locais de difusão de um saber universal, seriam de extrema relevância para a realização deste fenômeno, sendo voltadas, então, “para atender às necessidades básicas de expansão dos conhecimentos fundamentais à formação da identidade pública e à socialização no trabalho” (1997, p.109). Assim, segundo Veiga (1997), esta instituição tornou-se símbolo da garantia da aquisição de saberes para a nova sociedade urbana.

De maneira semelhante a Veiga (1997), Faria Filho (1998) também aponta Belo Horizonte como uma cidade pedagogicamente planejada e construída, já que foi pensada. Contudo, o autor destaca a reforma educacional de João Pinheiro, voltada às camadas populares da população, que propunha a construção de espaços próprios para a educação

escolar, os grupos escolares. Para Faria Filho (1998), pode-se observar uma relação entre a construção do espaço escolar e do espaço urbano e a reformulação da República. Como a cultura das populações pobres era considerada inadequada pela elite, os grupos escolares deveriam atuar na transformação desta. A respeito disso, é possível colocar a afirmação de Veiga (1997, p.109), “a hierarquização e a ocupação da cidade corresponde à hierarquização no acesso ao saber”. Nesse sentido, Faria Filho (1998, p. 145) advoga que a emergência da escola, em Belo Horizonte, estará “intimamente ligada à construção física e simbólica da cidade e da reformulação possível da República”. E, para tanto, afirma que não se pode pensar a escolarização, naquele momento, sem “levar em conta a inserção da escola no mundo urbano e a contribuição que dela se esperava na transformação de seus habitantes, notadamente de famílias pobres” (FARIA FILHO, 1998, p.145).

4. Instituições Educativas e a cidade

Partimos do trabalho de Grimaldi (2014) para aprofundar o que pensamos ser uma das abordagens mais recentes no estudo da relação História da Educação e cidades. O estudo em questão se debruçou sobre o caso de Porto Alegre/RS e analisou o papel de instituições escolares particulares na urbanização de Porto Alegre e suas relações com a formação de novos núcleos urbanos, no período de 1940 a 1970. Como corpus documental privilegiado, se deteve no exame de documentos administrativos, plantas, livros comemorativos, fotografias, artigos da Revista do Globo e Revista do Ensino/RS.

Nas primeiras décadas do século XX, escolas particulares, originalmente criadas no centro da cidade, passaram por fenômenos de migração⁵ e construção de novos prédios em áreas até então inabitadas. Esse movimento de migração, contribuiu para a formação do espaço urbano circundante. Esta pesquisa analisou a trajetória do Colégio Americano, Colégio Farroupilha e Colégio Anchieta, escolas fundadas na região central, no século XIX, e que, durante o século XX, abandonaram essa região por motivos diversos tendo como foco a relação entre cidade e escola. No contexto de transferência e criação de novas sedes para estes colégios, o autor procurou explicar o papel das escolas no desenvolvimento dos bairros Rio Branco e Três Figueiras e os motivos pelas quais a região central de Porto Alegre fora abandonada por essas escolas. Isso tudo com a preocupação em mostrar os diversos

atores sociais responsáveis pela idealização e gestão dessas mudanças, a importância dessa mudança de espaço escolar e seu reflexo pedagógico.

Não podemos abordar essa transferência das escolas sem pensar num contexto maior de urbanização. Para Monteiro (2004, p. 59), “os problemas sociais que se avolumaram a partir da metade dos anos 1950, como a periferização, a marginalização e a violência nos grandes centros urbanos se agravariam nas décadas seguintes”. Sendo assim, percebeu-se a emergência de diversos bairros residenciais fora da região central, como Petrópolis, Montserrat e Três Figueiras.

Segundo Souza (1997, p. 95), neste período, houve um “aumento nos limites urbanos para 7.311ha, em 1839, cem anos antes, os limites atingiam 296,6 ha”. Há também uma mudança no perfil dos bairros. Com o crescimento populacional e das relações com as cidades vizinhas, os grandes eixos viários acabaram se tornando um fator condicionante para as novas habitações. Durante as décadas de 1940 e 1950, houve uma intensa criação de habitações nas regiões como Petrópolis, Rio Branco e Partenon, devido às suas grandes avenidas. Os arrabaldes se transformaram em bairros da cidade, mas só seriam regulamentados no ano de 1959.

Para Sanhudo (1975), até a década de 1950 não havia uma preocupação em delimitar os limites dos bairros de Porto Alegre. As localidades eram conhecidas por seus lugares de referência, cemitérios, hospitais, escolas e aspectos geográficos.

Dessa forma, podemos tematizar a história dessas instituições escolares e o ponto que tangencia a urbanização da cidade. Citamos dois exemplos abordados na pesquisa de Grimaldi (2014). Começamos com o Colégio Americano, a história dessa escola inicia dez anos antes de sua fundação com a atuação de missionários metodistas nos chamados arrabaldes de Porto Alegre. No dia 19 de Outubro de 1885, em um imóvel alugado de arquitetura luso-brasileira, situado na Praça General Marques, n. 91^o, é inaugurado o Colégio Evangélico Misto n.1. Até o ano de 1900, a Igreja e a Escola não possuíam sede própria, o que permitiu a ação dos reverendos nos arrabaldes, com a criação de pequenas Igrejas, com o intuito de levar a fé para outros lugares. Somente em 1921 foi edificada a sede própria em região contígua ao Centro Histórico.

Durante a década de 1940, verificou-se que o prédio não seria suficiente para atender as demandas de novas matrículas. Por isso, houve uma nova doação da entidade mantenedora com a finalidade de construir a nova sede do Colégio Americano. O terreno

escolhido foi adquirido pela mantenedora da escola, no ano de 1926. Optou-se por um terreno próximo ao Instituto Porto Alegre, vinculado à mesma entidade mantenedora. Em 07 de Junho de 1943, realizou-se a cerimônia de colocação dos alicerces do novo prédio. Localizava-se em um ponto alto do atual Bairro Rio Branco, na rua Dr. Lauro de Oliveira n. 71. À medida que a construção ia sendo erguida, o bairro era loteado e os terrenos vendidos para membros da comunidade escolar.

A partir de 1945, outros prédios e estruturas foram construídas no terreno da escola, o que possibilitou a criação de outros cursos. Em 1955, a escola possuía os seguintes cursos: Jardim de Infância, Curso Primário e Admissão, Ginásial e Científico, Curso de Secretariado, Curso de Formação de Professores Primários, Curso de Economia do Lar, Curso de Dietista, Conservatório de Música e Curso de Pintura.

Cabe ainda destacar o exemplo do Colégio Farroupilha. A instituição havia sido fundada em 1886, no centro da cidade de Porto Alegre, pela mantenedora a Associação Beneficente e Educacional de 1858. Na década de 1940, a comunidade escolar vivenciou as mesmas questões abordadas sobre o Colégio Americano e decidiu mudar-se para uma região até então inabitada da cidade. A mantenedora preferiu o local na qual já possuía uma chácara. Inicialmente, os terrenos da chácara foram loteados em um total de 400, vendidos para a comunidade escolar.

A partir de 1955, a associação criou a Comissão de Propaganda, liderada pelo conselheiro Hans Tichauer, responsável por angariar fundos para a iminente obra do Colégio. A pedra fundamental foi colocada em solenidade no dia 25 de maio de 1957. As obras de terraplanagem e a elaboração do projeto final foram efetuadas no final de 1957 e no ano de 1958. A construtora REFA fora contratada para colocar em prática o projeto elaborado pelo engenheiro Carlos Siegmann e pelo arquiteto Carl Herrmann.

Segundo Rita Gonçalves (2012, p.43), na época houve uma “revalorização do prédio escolar”, que, segundo os ideais do movimento da Escola Nova, deveria se situar em locais com grande espaço, arejados e que se distanciavam dos problemas que os centros urbanos proporcionavam. Essas características influenciariam diretamente nos alunos. O novo prédio abandonaria algumas características coercitivas do antigo, como o pátio que possibilitava a vigilância do inspetor, proporcionando mais autonomia aos alunos. A área total e a área utilizada pelas instalações foram triplicadas e a capacidade total de alunos aumentou em

130. Esse aumento corresponde ao desejo da direção em retornar todos os cursos (Primário, Ginásial e Científico) para o turno da manhã, sem o desdobramento dos mesmos. A dimensão das salas de aula aumentou em 20 metros quadrados possibilitando mais espaço para a prática pedagógica diária. Com isso, podemos pensar que essa relação instituição educativa x cidade produziu efeitos nas edificações escolares, e também propiciando que novas áreas fossem urbanizadas a partir desses movimentos de êxodo da região central.

5. Considerações finais

Como demonstramos ao longo das “ruas” percorridas por este texto, a cidade pode ser pensada e analisada em uma perspectiva interdisciplinar. O presente estudo abordou a questão urbana em suas diversas facetas, aprofundando sua relação com o estudo da História da Educação e, principalmente, no que diz respeito à História das Instituições Escolares.

Desta forma, mostramos que os conceitos ferramenta de diferentes áreas podem ser utilizados para operar na pesquisa com cidades. Em relação à História da Educação, as Instituições Educativas e o edifício escolar podem ser tomados como fonte para pesquisa histórica, analisando não apenas a escola, mas também seus entornos e a própria cidades. Quais as instituições existiram nos atuais edifícios escolares? Para onde foram as instituições escolares cujos prédios encontram-se atualmente abandonados? Qual a relação das escolas com o processo de urbanização das cidades? Como as instituições educativas deslocam sujeitos no espaço? Estes são apenas alguns dos temas passíveis de estudo na articulação das Cidades com a História da Educação.

Ao direcionarmos o olhar para outras possibilidades de interpretação do urbano, temos a oportunidade de efetuar cruzamentos com outros ramos do conhecimento. Nos últimos anos o campo da História da Educação, especificamente a História das Instituições Escolares, produziu diversos estudos que teve a cidade como pano de fundo, seja em relação a seus espaços ou prédios. Esta produção científica procurou dar um protagonismo para as escolas, a fim de demonstrar que a relação entre educação x urbanização é mútua e nada tem de passiva.

Desses estudos percebemos que tematizar, a partir da trajetória singular de instituições escolares, o processo de urbanização das cidades é um campo profícuo de análise para o historiador da educação. Dessa forma, podemos concluir que a criação de um novo prédio escolar contribui com a formação urbana de áreas até então pouco habitadas,

isto é, a escola formatando a urbanização da cidade. Para finalizar, destacamos a potência de estudos que tomam o conceito de cultura escolar para analisar as relações estabelecidas entre as Instituições Educativas e o espaço urbano. Apostamos que os cruzamentos entre os estudos urbanos e histórico-educativos tornam possíveis potentes problemáticas de pesquisas.

Referências

BENCOSTTA, Marcus Levy. Cândido de Abreu: projetos do primeiro urbanista da cidade de Curitiba do início do século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.36, n.73, 2016.

BENITO ESCOLANO, Agustin. A arquitetura como programa. In: FRAGO, Antônio; BENITO ESCOLANO, Agustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BRUSADIN, Leandro Benedini. O turismo e a História sob a ótica do Patrimônio Cultural: interlocuções entre os campos do saber, práticas e representações. In: CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antonio Gilberto Ramos (Orgs.). **Patrimônio Cultural – Políticas e Perspectivas de Preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2012.

CALVINO. Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O espaço escolar como objeto da História da Educação: algumas reflexões. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, N°1, 1998, p.141-159.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A escola no movimento da cidade: os grupos escolares em Belo Horizonte. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.26, 1997

GALINIÉ, Henri; ROYO, Manuel. A Arqueologia à Conquista da Cidade. In: BOUTIER, Jean; JULIA, Dominique. **Passados Reconstituídos: campos e canteiros da História**. Editora UFRJS/ Editora FGV, 1998.

GEVEHR, Daniel Luciano. Os Lugares da Cidade nos contam Histórias(s): a problemática dos Lugares de Memória no Ensino de História. **Revista Licentia&acturas**, Ivoti, jul.-dez, 2013.

GRIMALDI, Lucas. **Espaço Urbano e Educação: o papel das instituições escolares na urbanização de Porto Alegre/RS (1940-1970)**. 2014. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GRIMALDI, Lucas Costa. **Na sensibilidade da memória estudantil: prédios e espaços escolares nas narrativas de estudantes em Porto Alegre/RS (1920-1980)**. 2016. 150 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação/ PPGEdU, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

GONÇALVES, Rita. A Arquitetura como uma dimensão material das culturas escolares In: SILVA, Vera Lúcia da; PETRY, Marília. **Objetos da Escola: espaços e lugares de constituição de uma cultura material escolar** (Santa Catarina – Séculos XIX e XX). Florianópolis: Insular, 2012.

HILBERT, Klaus. Ars memorativa: Lugares na Memória e a Memória dos Lugares. In: **Memória e patrimônio: diálogos entre Brasil e Portugal**. Organizadores: MONTEIRO, Charles; HILBERT, Klaus; GODINHO, Paula. EDIPUCRS, 2017, no prelo.

MACEDO, José Rivair. Apresentação. In: MACEDO, José Rivair (Org.). **Viajando pela África com IbnBatutta** – Subsídios de pesquisa. Vidrágua, Porto Alegre, 2010.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: Urbanização e Modernidade. A construção Social do Espaço Urbano**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

NORA, P. Entre Memória e História - a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

NOSELLA, Paolo. BUFFA, Ester. **Instituições Escolares**. Por que e como pesquisar. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

PERES, Eliane. Currículo e Práticas escolares da escola primária gaúcha no período a implantação da escola graduada e da institucionalização da modernidade pedagógica (1909-1959). In: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Colégios Elementares e Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar – Séculos XIX e XX**. São Leopoldo: Oikos, 2016.

PESSANHA, Eurides Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Tempo de cidade, lugar de escola. **Cadernos de História da Educação**, n.5, jan./dez. 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Abertura. **Revista Brasileira de História**, vol. 27, nº 53, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Revista esboços**, nº 11, UFSC, 2004.

POSSAMAI, Zita. Fotografia, História e Vistas Urbanas. In: **História**, São Paulo, 27 (2): 2008.

RAMOS, Alcides Freire. Imagens do campo e da cidade - cinema brasileiro (1950-1968). In: LEENHARDT, Jacques; FIALHO, Daniela Marzola; SANTOS, Nádía Maria Weber; MONTEIRO, Charles; DIMAS, Antonio (org.). **História cultural da cidade: homenagem à Sandra JatahyPesavento**. Porto Alegre: Marcavizual/ PROPUR, 2015.

SANHUDO, Ary Veiga. **Porto Alegre: Crônicas da Minha cidade**. Porto Alegre: Editora Movimento/Instituto Estadual do Livro, 1975.

SOUZA, Rafael de Abreu e. A Cidade e a Arqueologia da Cidade. In: **Recursos Pedagógicos no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, 2014.

SUÁREZ PAZOS, Mercedes. Los Recuerdos Escolares: una propuesta de investigación biográfica en el ámbito educativo. In: ESCOLANO BENITO, Augustín; HERNÁNDEZ DÍAZ, José María (Orgs.). **La Memoria y el Deseo** – cultura de la escuela y educación deseada. Tirantlo Blanch, 2002.

TARDIVO, Jéssica Aline; PRATSCHKE, Anja. Cidade como lugar de memórias. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, V.8, N°. 15, 2016.

VANGELISTA, Chiara. Pelas ruas do Rio de Janeiro. Dois (ou três?) olhares estrangeiros: Henry Chamberlain e Jean-Baptiste Debret. In: LEENHARDT, Jacques; FIALHO, Daniela Marzola; SANTOS, Nádia Maria Weber; MONTEIRO, Charles; DIMAS, Antonio (org.). **História cultural da cidade**: homenagem à Sandra Jatahy Pesavento. Porto Alegre: Marcavizual/PROPUR, 2015.

VEIGA, Cynthia Greive. Projetos urbanos e projetos escolares: aproximação na produção de representações de educação em fins do século XIX. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, N°.26, 1997.

VIÑAO, Antonio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas**. Morata, 2ª Ed, 2006.

VIÑAO, Antonio; BENITO, Augustín Escolano. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Notas

¹ Pergaminho utilizado pelos monges medievais onde o texto original era apagado para dar lugar a outro, conservando indícios do texto anterior.

² Em relação aos relatos de viagem, sugerimos a leitura de “Viajando pela África com IbnBattuta – Subsídios de Pesquisa”, de José Rivair Macedo (2010). Ao analisar o relato do viajante muçulmano que visitou o antigo Estado do Mali nos anos 1352-1353, o autor destaca a importância da viagem como um recurso poderoso para falar da história de um povo e de sua paisagem. Ao registrar o que “viu, ouviu e pensou a respeito do desconhecido” (MACEDO, 2010, p.9), o viajante também registra elementos da cidade visitada.

³ Entendemos que as memórias se constituem como um elo potente para articular as pesquisas sobre cidades e as pesquisas de História da Educação. No entanto, esta não será a preocupação central deste trabalho.

⁴ Não é a preocupação deste trabalho discutir a cidade enquanto possibilidade para o Ensino de História. No entanto, indica-se como uma primeira aproximação o texto “Os Lugares da Cidade nos contam Histórias(s): a problemática dos Lugares de Memória no Ensino de História”, de autoria de Daniel Luciano Gevehr (2013).

⁵ A migração das escolas e a construção dos novos prédios acompanhou o fenômeno que já acontecia com as elites sociais e o desenvolvimento comercial da cidade. Houve uma interação mútua entre o urbanismo e a escolas.

⁶ Praça Conde de Porto Alegre, situada entre as ruas Duque de Caxias e Riachuelo.

Sobre os autores

Eduardo Cristiano Hass da Silva

Doutorando em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS/CNPq)

eduardohass.he@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3906-5448>

Carolina Severo

Mestranda em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

carolinaasty@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0949-7733>

Lucas Costa Grimaldi

Doutorando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

lucascgrimaldi@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-4654-1032>

Recebido em: 21/02/2020

Aceito para publicação em: 23/03/2020